

X CONGRESSO LATINOAMERICANO DE CIENCIA POLÍTICA

EJE TEMÁTICO
COMUNICACIÓN POLÍTICA, OPINIÓN PÚBLICA y REDES SOCIALES

NARRATIVAS EM JOGO: CRISE E LIDERANÇA NA AMÉRICA LATINA

Eduardo da Nóbrega Monteiro

Mestrando em Relações Internacionais
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(PPGRI-UERJ)

Eduardo.nobre.monteiro@gmail.com

Monterrey, NL
2019

RESUMO

Este artigo abordará como as narrativas de liderança brasileira na América do Sul foram construídas em momentos de crise regional. Os marcos teóricos serão o pós-estruturalismo, especialmente R. B. J. Walker, bem como o pós-colonialismo, que terá enfoque na obra de Siba Grovogui. Com relação à Walker, o presente trabalho se atentará a trabalhar os momentos de *fronteira*; no que diz respeito ao livro de Grovogui, atentar-se-á às instrumentalizações de narrativas. A construção dessas narrativas feita pelo jornal o Globo, acerca da Política Externa Brasileira, serão comparadas em dois momentos: (i) durante a tentativa de golpe de Estado na Venezuela, em 2002; (ii) durante a nacionalização dos hidrocarbonetos bolivianos, em 2006. A comparação se dá em um cenário no qual há crise em um país fronteiro, que envolve uma fonte de energia da qual o Brasil tem certa interdependência, com dois governos estrangeiros ligados à esquerda no espectro político tradicional, mas com dois governos brasileiros diferentes. Selecionou-se o jornal O Globo, em formato impresso, considerando sua importância: na ocasião era o segundo jornal mais vendido no Brasil e um dos 10 membros do Grupo de Diários América, associação formada por jornais da América Latina com o fito de “*informar e influir en la opinión pública en sus respectivos mercados*”. A coleta de dados primários foi feita no Acervo Globo, durante os dias 28 e 29 de janeiro de 2019 e a metodologia empregada foi a de *valência*. Ao final do artigo será possível perceber como as narrativas em disputa e as fronteiras das ações brasileiras foram interpretadas de maneiras diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: *pós-estruturalismo; pós-colonialismo; mídia; crises; liderança.*

ABSTRACT

This article will discuss how the narratives of Brazilian leadership in South America were built in moments of regional crisis. The theoretical frameworks will be poststructuralism, especially R. B. J. Walker, as well as postcolonialism, which will focus on the work of Siba Grovogui. With respect to Walker, the present work will be attentive to work the moments of border; as far as the book of Grovogui is concerned, will be attentive to the instrumentalizations of narratives. The construction of these narratives by the newspaper o Globo, about the Brazilian Foreign Policy, will be compared in two moments: (i) during the attempted coup in Venezuela in 2002; (ii) during the nationalization of Bolivian hydrocarbons in 2006. The comparison takes place in a scenario where there is a crisis in a border country, involving an energy source of which Brazil has some interdependence, with two foreign governments linked to the left in the traditional political spectrum, but with two different Brazilian governments. The newspaper O Globo was selected, in print format, considering its importance: at the time it was the second best-selling newspaper in Brazil and one of the 10 members of the Diários América Group, an association formed by Latin American newspapers with the purpose of "informing and influence public opinion in their respective markets. " The primary data collection was done at the Globo Collection, on January 28 and 29, 2019 and the methodology used was Valence. At the end of the article it will be possible to see how the disputed narratives and the borders of the Brazilian actions were interpreted in different ways.

KEY-WORDS: *poststructuralism; postcolonialism; media; crises; leadership.*

1. INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais não podem ser entendidas de forma descolada dos debates que caracterizaram as Ciências Sociais. Ambas passaram por debates acerca de determinados consensos ontológicos e de tentativas epistemológicas que corroborariam a um entendimento, dessas áreas de estudo, como ciência. Nesse sentido, algumas correntes de pensamento se sobressaíram e tentaram explicar as bases das relações internacionais em bases positivistas e, depois, em bases pós-positivistas, que surgiram para contestar as premissas daquela. O pós-estruturalismo e o pós-colonialismo estão inseridos nos desdobramentos do que Battistella (2014, p. 92) chama de “quarto debate” das Relações Internacionais, que seria a “era pós-positivista” (Lapid, 1989).

As abordagens tanto de R. B. J. Walker e de Siba N. Grovogui têm caráter *pós-positivista* e não têm, portanto, a característica de dar respostas definitivas ou de criar modelos que podem ser replicados. É necessário que se tenha atenção para as contribuições conceituais elucidativas ou “sensibilizantes”¹, segundo Blumer (1954, p.8), bem como os seus olhares para os *processos* de construção de narrativas. Com o intuito de utilizar essa maneira de “orientação analítica”, de acordo com Burke (2008, p. 366), serão analisados dois estudos de caso, nos quais houve distinções na forma pela qual o Executivo federal brasileiro atuou em momentos de crise regional. O caso da tentativa de golpe de Estado na Venezuela, em 2002, e a nacionalização dos hidrocarbonetos na Bolívia, em 2006.

¹ Acerca desse assunto, Blumer (1954) sinalizou para uma distinção entre conceitos *sensibilizantes* e conceitos *definitivos*. Tanto Walker quanto Grovogui seriam, ao meu entender, considerados *sensibilizantes*, já que o valor heurístico de repensar questões epistemológicas fundamentais para as Relações Internacionais é notório. Além do mais, não só questionam axiomas da disciplina, mas também propõem outros estudos empíricos e novas questões que devem nortear o campo do saber. Segundo outro autor, Jensen (2013), ambos não são dicotômicos, mas, sim, um *continuum*.

Para que se tenha um entendimento mais aprofundado do acontecimento, é necessário que haja uma rápida contextualização espaço-temporal²³ da Venezuela, da Bolívia e do Brasil, nos dois momentos. Hugo Chávez chega ao poder, em 1999, e “não representou de pronto a construção de uma orientação externa totalmente diferente de seus antecessores”⁴ (Monteiro, 2012, p. 91). No caso boliviano⁵, o problema advém mais da questão política do que da mera questão econômica, como ficou sendo divulgado pela imprensa, as revoltas estavam mais ligadas ao movimento indígena, que reclamava por mais participação social e material nas instituições políticas – Evo Morales era um entre os que estavam reivindicando. O Brasil estava, em 2002, sob o final do governo de FHC e o chanceler era Celso Lafer; enquanto em 2006, o governo era de Lula e o chanceler era Celso Amorim. É importante salientar que eram contextos eleitorais, o que já foi discutida a importância de períodos eleitorais com Política Externa por Hirst, Lima e Pinheiro (2010), Lula ganharia ambos.

Feita essa resumida contextualização, o artigo se pautará em três seções, além das considerações finais. A primeira seção tratará não só de um debate teórico acerca do pós-estruturalismo de Walker e o pós-colonialismo de Grovogui, mas também a respeito de possíveis interpretações dos substantivos *crise* e *liderança*, para as Relações Internacionais. A segunda seção trará análises gráficas e dos dados primários coletados no Acervo Globo; será tratado, também, a *metodologia de análise de valência*, utilizada neste trabalho. A terceira seção convergirá as duas primeiras com o intuito de descortinar as

² De acordo com Dalle, Boniolo e Sautu (2005, p. 148), “*las coordenadas espacio-tiempo deben aparecer siempre cuando explicitamos nuestro objetivo de investigación, lo que nos permite recortar el tema de investigación seleccionado*”.

³ Estou seguindo esta linha de raciocínio de Gerring (2007, p.19): “*Note that the spatial boundaries of a case are often more apparent than its temporal boundaries. We know, more or less, where a country begins and ends, while we may have difficulty explaining when a country begins and ends. Yet some temporal boundaries must be assumed. This is particularly important when cases consist of discrete events – crises, revolutions, legislative acts, and so forth – within a single unit. Occasionally, the temporal boundaries of a case are more obvious than its spatial boundaries*”. Para um bom resumo, cf. Gerring (2011).

⁴ Só há uma revisão de relação com os EUA após as suspeitas de participação de Washington no golpe. Monteiro (2012, p. 94) diz, na sequência, que “[p]ela primeira vez em sua História a Venezuela viu em uma oposição à Washington uma necessidade”.

⁵ Para uma análise mais detalhada das raízes socioeconômicas da Bolívia, cf. Coutinho (2006) e Sá (2009).

construções de narrativas em dois momentos distintos, porém semelhantes. As considerações finais trarão questionamentos e apontamentos para futuras pesquisas na área das Relações Internacionais.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 - R. B. J. Walker e Siba N. Grovogui: o pós-estruturalismo e o pós-colonialismo como orientações analíticas

O pós-estruturalismo e o pós-colonialismo se inserem em uma linha de evolução do pensamento social ocidental. Premissas tidas como concretas ou, até mesmo, axiológicas, passaram a ser constantemente repensadas e questionadas por autores que surgiram na pós-modernidade. Os questionamentos⁶ são feitos acerca de diversas temáticas, mas, para fins deste artigo, especialmente acerca de conceitos basilares das Relações Internacionais. A anarquia foi repensada por Ashley (1988) e por Wendt (1992), o estado de natureza por Jahn (1999) e as fronteiras por Walker (1993), que a desenvolveu para concepções acerca da política internacional e da política mundial. (Walker, 2010)

Seguindo essa perspectiva, Walker (2010, p.3) quer nos chamar a atenção para o que as pessoas consideram como legítimos e o que não consideram. O motivo pelo qual se inclui e se exclui certas atitudes ou pessoas está, segundo o autor, estaria nas fronteiras, que deve ser entendida não só fisicamente – entre países – mas também metafisicamente. Nas palavras do autor, *“to include, to exclude, to both include and exclude so as to constitute a complex array of inclusions and exclusions, and to affirm both the possibility and the impossibility of some world beyond this array of inclusions and exclusions”*. Uma das preocupações centrais do autor é a de pensar por que alguém julgaria que essas fronteiras, especialmente o que é válido do que não é, são sustentadas pela academia (Walker, 2010, p. 22). É a partir desse entendimento, que o artigo pretende trabalhar; julgando, portanto, a narrativa

⁶ A intenção do artigo não é entrar na questão do mérito do pós-modernismo (estilo) ou da pós-modernidade (estrutura). Para mais debates acerca desse tema, cf. Jameson (1991) e Bauman (1993).

adotada pelo jornal o Globo acerca das tomadas de decisões válidas ou não por parte do Executivo federal nos momentos de exceção.

Grovogui (2006) segue a agenda de pesquisa do pós-colonialismo. A forma pela qual se constrói conhecimento internacional, acerca de instituições, de normas e, especialmente, da moralidade dependem da forma pela qual a história é contada. Dessa forma, grandes eventos internacionais, que podem ser crises, guerras ou grandes fóruns de concertação, situam o tempo-espaço do pensamento internacional e, conseqüentemente, da disciplina de Relações Internacionais. Grovogui (2006) desenvolve algumas críticas ao *eurocentrismo* e ao *ocidentalismo*, que são movimentos com o anseio de postular a Europa e, posteriormente o mundo ocidental, como proprietários exclusivos da ciência, dos cânones intelectuais, da moralidade universal e da ciência. A disciplina e as teorias de Relações Internacionais se afunilariam, portanto, em experiências europeias e americanas, percebendo as demais como autoritárias – especialmente com relação a regimes democráticos e suas possibilidades. Gera-se, então, *insiders*, que são as experiências ocidentais e os seus cânones, e os *outsiders*, sendo os que precisam de aplicações intelectuais e normativas do lado ocidental do mundo. Manifestou-se claramente, nas análises do Acervo Globo, as aplicações fronteiriças de Walker e as narrativas que concorrem, gerando conhecimento, o que remete a Grovogui.

Antes de se analisar os dados, é essencial que se tenha o que se entende por *crises* e por *liderança*, para fins deste artigo. McCormick (1978, p. 352) percebeu que “*in reviewing the crisis literature, Wiener and Kahn, Robinson, and Hermann agree that the international crisis concept has no generally accepted definition*”. Embora não haja uma definição consensual, McCormick (1978) demonstra, na sequência, duas possibilidades⁷ desenvolvidas por Hermann de se perceber uma crise: (1) processo de tomada de decisão *dentro* do Estado escolhido; (2) crise no processo de interação entre dois ou mais Estados. Gostaria de reformular e acrescentar um pouco mais de características, baseado em Guimarães e Tavares de Almeida (2017): (i) o processo de tomada de decisão deve ter um tempo limitado para que seja feito; (ii) a crise na interação

⁷ Há, no artigo de McCormick, outras possibilidades de se perceber uma crise internacional; além dessas, pode-se pensar *crise* em termos do Direito Internacional e em como essa definição pode atrapalhar às vezes (Charlesworth, 2008).

entre os dois países deve-se valer de uma ameaça a algum valor básico para um dos lados ou para ambos; (iii) militares estão envolvidos de alguma forma.

No que diz respeito à definição de *liderança*, há semelhanças com relação ao conceito anterior. Não há consenso específico sobre o seu uso e, além disso, “[t]he concept of leadership in international relations and international political economy has received little sustained study” (Ilkenberry 1996, 386 *apud* Burges, 2009, p. 44). Percebe-se que há, no entanto, um enfoque para lideranças *coercitivas* e, muitas vezes, *sistêmicas*, o que não cabe à região sul-americana e tampouco ao Brasil. Burges (2009) dá a possibilidade de pensar a liderança brasileira, na região, como uma dialética estudante-professor de matriz gramsciana, o que seria uma visão “of structural power as making up a system of overarching beliefs and practices that work subconsciously to delimit the range of actions that can be contemplated, let alone pursued, by a state.” (Burges, 2009, p. 45). Essa visão de liderança será contrastada nos dois momentos propostos deste artigo, uma vez que se percebeu a disparidade de expectativas relacionadas à capacidade de ingerência brasileira na América do Sul.

2.2 – Análise dos dados: valência e localização das notícias

Primeiramente, gostaria de salientar que escolhi as seguintes páginas do GLOBO, pois essas apresentaram o maior número de menções aos casos: Primeira Página; Segunda Página; Opinião; Mundo; País; Economia. Além disso, há uma importância na primeira página do jornal, porque “pode informar sobre seus objetivos e sobre a maneira como cada diário se posiciona política, cultural e socialmente” e, também, “reflete as escolhas feitas pelos editores” (Medeiros, Ramalho, & Massarani, 2010). Esse fato foi constatado nesta pesquisa, uma vez que as primeiras páginas eram indicativas de toda uma cobertura nas páginas subsequentes. A Segunda página era utilizada como se fosse um resumo das principais notícias do jornal, além de demonstrar pesquisas internas acerca de quais matérias chamaram mais a atenção do leitor de uma edição para a outra. A página de Opinião é especialmente importante, porque ela não só é espaço para outras opiniões – o que denotaria uma certa pluralidade -, mas também é espaço para a opinião *do* jornal. As demais páginas (Mundo, País e Economia)

foram escolhidas por serem *locus* de debates internacionais e que envolvem economia.

A metodologia empregada foi a *metodologia de análise de valência*⁸. O mês escolhido foi maio, pois é mês em que há um salto de 153% nas menções à Bolívia no jornal GLOBO⁹, e abril para o caso venezuelano, já que as menções sobem 193 %. Nesse sentido, a intenção foi a de qualificar essas menções que tiveram destino o executivo federal, representado por FHC e por Lula Presidente – não foquei em Lula Candidato –, por Celso Lafer e por Celso Amorim (Ministros das Relações Exteriores) e por Marco Aurélio Garcia (Assessor Internacional da Presidência no caso boliviano). Para isso, o método de *valência* visa analisar quais notícias são positivas (+1), neutras (0) ou negativas (-1) à imagem do executivo federal e, com isso, far-se-á um gráfico para demonstrar como foi a cobertura sobre esse aspecto, durante o tempo escolhido. A intenção é a de analisar o “espaço ocupado [e] a análise quantitativa da cobertura”, o que permite “avaliar a valência, ou seja, a orientação positiva ou negativa da cobertura” (Aldé, Mendes, & Figueiredo, 2007, p.155)

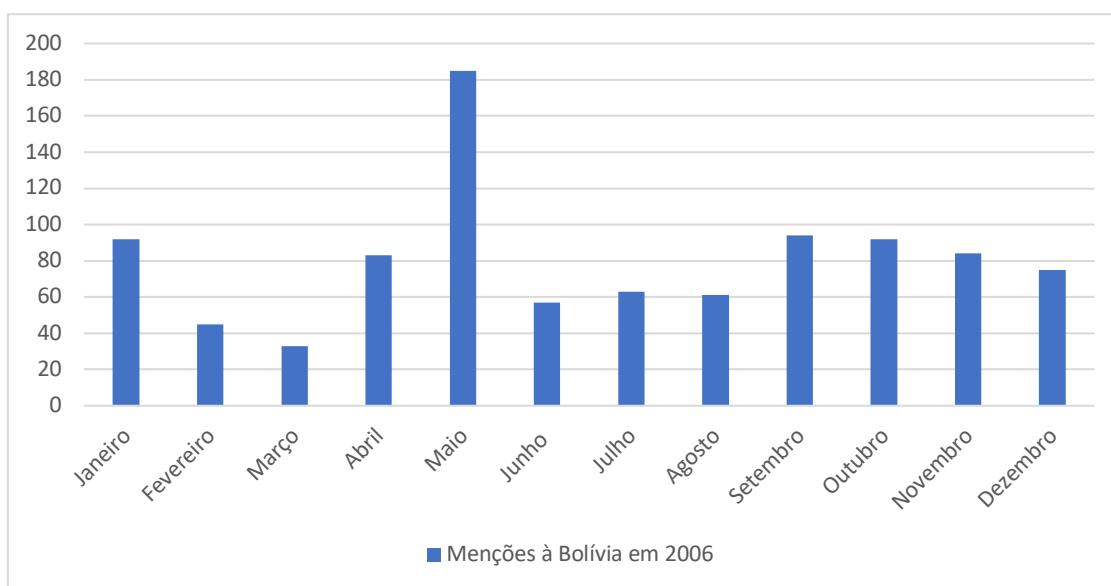
Durante a pesquisa, foi perceptível tal aumento nas menções à Bolívia, em maio de 2006, como demonstra o Gráfico 01. O assunto foi importante durante o mês, perdeu importância durante a Copa do Mundo, voltou a ter importância com a aproximação das eleições de 2006, mas, depois, teve menções discretas ao final do ano. Cabe mencionar que pode haver duas ou mais menções na mesma notícia e que a essa análise focou nas páginas que trataram do acontecimento e que se posicionaram com relação às atitudes do executivo federal; não é, portanto, dissociativa o número de páginas com o número de menções¹⁰.

⁸ Tal metodologia vem sendo desenvolvida pelo DOXA-IESP e pelo Manchetômetro (disponível em: < <http://www.manchetometro.com.br>>). Para um debate acadêmico, cf.: Miguel (2015; 2016) e Feres Junior (2016).

⁹ Aldé, Mendes e Figueiredo (2007, p.162) corroboram, ao estudar outros jornais (O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo), juntamente com o GLOBO, quando percebem que “[o] grande pico de Lula Presidente entre 26 de abril e 9 de maio, por exemplo, ocorre em todos os jornais, e corresponde principalmente à crise da Bolívia, com leitura negativa nos jornais estudados”.

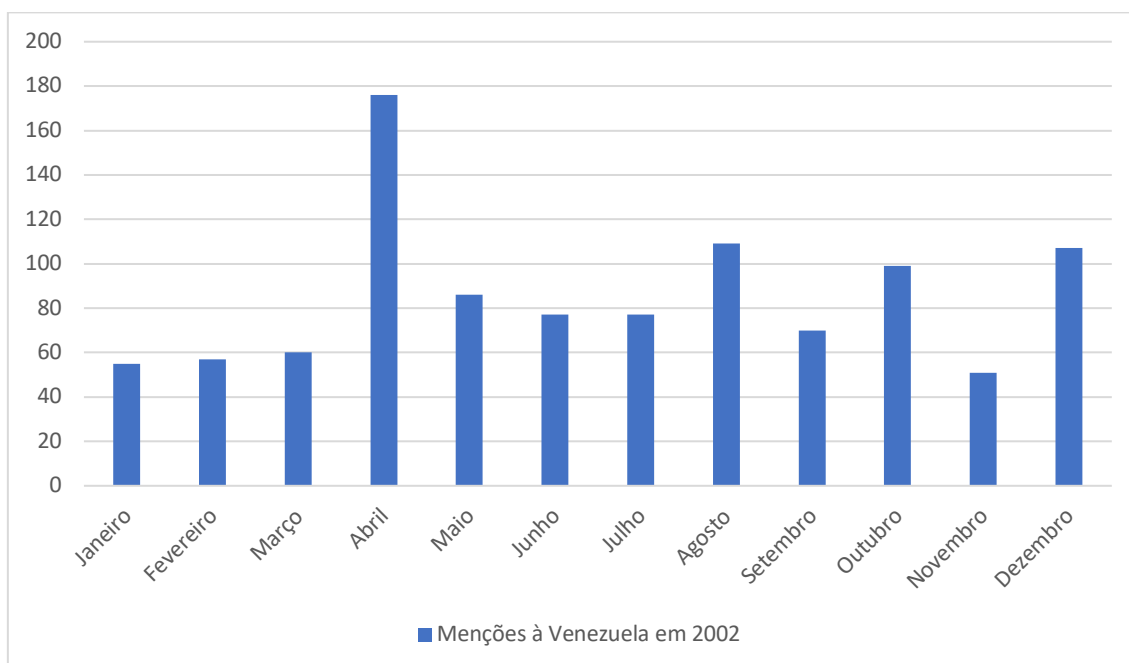
¹⁰ Há algumas menções na parte de “Carta dos Leitores” e, embora haja uma certa controvérsia com relação a esse uso, preferi não as considerar como parte das notícias do jornal. Além do mais, essa ressalva vale para o caso venezuelano.

Gráfico 1



Fonte: Acervo Globo

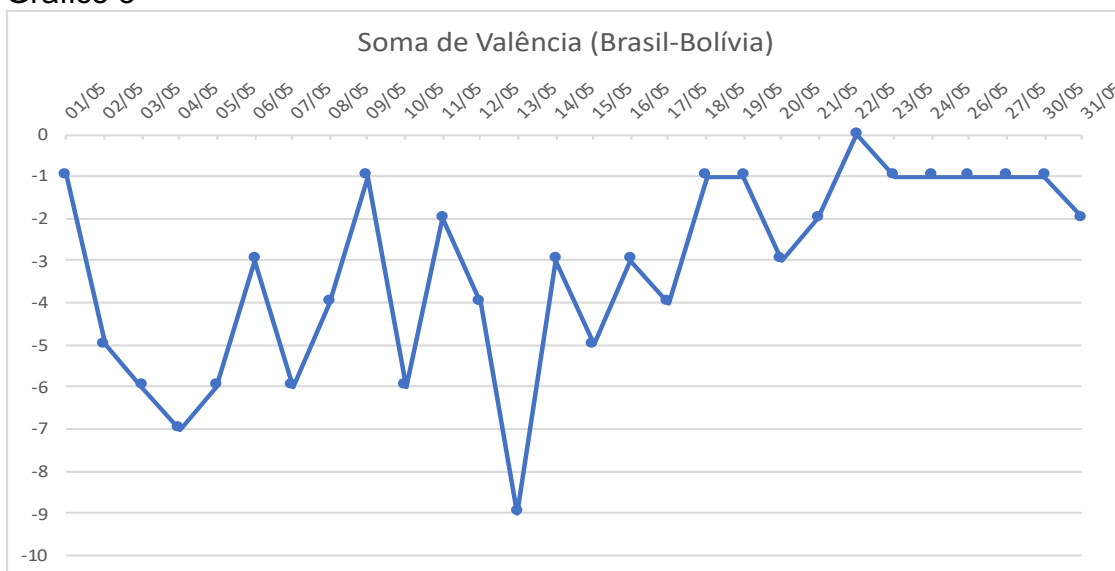
No Gráfico 2, percebe-se uma semelhança com o caso boliviano. O golpe fracassado ocorre em abril e, claramente, esse é o mês em que mais há menções à Venezuela em 2002. Nos meses subsequentes, há leves picos que denotam momentos de pré-campanha, de campanha e de eleição. O vale apresentado no interregno é relativo à Copa do Mundo.



Esses gráficos 1 e 2 demonstram o motivo da escolha de tratar as valências no mês proposto inicialmente e é, por isso, que se inserem os gráficos 3 e 4. O Gráfico 3 demonstram as valências coletadas para o mês de maio de

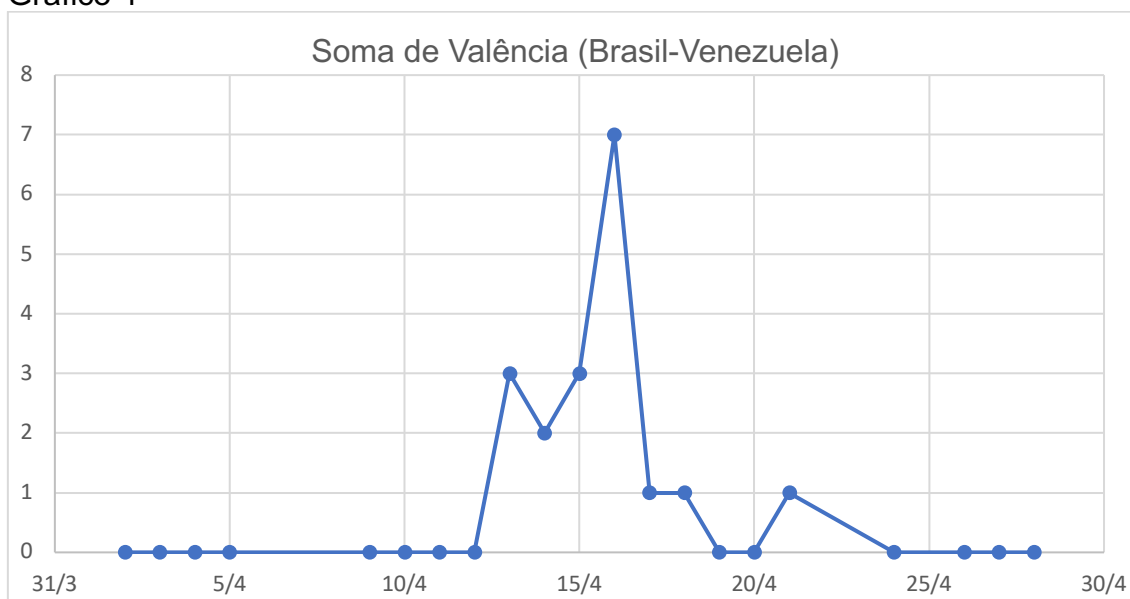
2006, com relação ao Executivo Federal. Percebe-se que houve uma constante negatividade durante todo o mês e com momentos de pico após alguma polêmica a respeito de posicionamentos por parte de Evo Moráles ou por parte do Brasil. O Gráfico 4 fornece, no entanto, uma permissividade por parte do jornal e, além disso, muita tentativa de se encapsular a problemática na própria Venezuela. Enquanto que o caso boliviano demonstrou uma forte correlação de crise, com elementos já mencionados na sessão anterior – especialmente com a relação entre os dois países – o caso venezuelano se manteve quase interiorizado; houve, também, uma mudança de rumo com relação à terminologia adotada pelo jornal, que será melhor discutida na sessão seguinte.

Gráfico 3



Fonte: O autor.

Gráfico 4



Fonte: O autor.

As tabelas 1 e 2 mostram onde esse debate ocorreu. Nota-se que a Tabela 1 – do caso boliviano – representa uma concentração nas páginas de Economia¹¹ e nas de Opinião¹². Há, na segunda tabela, mais ênfase nas páginas de Economia e na Mundo, o que caracteriza uma escolha para manter o assunto da Venezuela localizada em assuntos mundiais e não relacionais com o Brasil. No caso boliviano, os artigos de Opinião somaram 2 neutros e 22 negativos e, no caso seguinte, foram 3 positivos e 4 neutros; é importante demonstrar, também, que essas páginas de Opinião servem de “pseudo-debates estruturados em pseudo-polêmicas” (Figueiras, 2007, p. 2105).

Tabela 1

Páginas	Contagem de Valência (Brasil-Bolívia)
Economia	52
O Mundo	7
Opinião	24
País	3
Primeira Página	15
Segunda Página	10
Total Geral	111

Fonte: Acervo Globo

Tabela 2

Páginas	Contagem de Valência (Brasil-Venezuela)
Economia	18
O Mundo	24
Opinião	7
País	3
Primeira Página	10
Segunda Página	4
Total Geral	66

Fonte: Acervo Globo

2.3 – Narrativas em jogo: interpretações pós-estruturalistas e pós-coloniais

¹¹ As páginas de economia, nos jornais brasileiros, têm peso hegemônico desde a década de 70, segundo Donadone (2000). Segundo o mesmo autor (*ibidem*, p.3): “O estudo realizado por Quintão, sobre o crescimento do noticiário econômico nas primeiras páginas dos jornais brasileiros, constatava que as manchetes de economia passavam, no jornal ‘O Estado de São Paulo’, de 1,4% em 1969 para 21,3% em 1978. No caso do ‘Jornal do Brasil’, o aumento era de 0,3% em 1967 para chegar a 27,4% em 1979”.

¹² A página de Opinião é o *locus* em que os editores se expressam de maneira mais livre e direta com o leitor. Além disso, “os artigos de opinião têm uma relação estreita com a agenda de *media*, funcionando como um espaço de comentário da [atualidade]” (FIGUEIRAS, 2007, p. 2094)

É necessário que se pense as narrativas¹³ como um exercício de caráter sensibilizante. Os pós-estruturalistas clássicos, como Jacques Derrida, Michel Foucault¹⁴ e Gilles Deleuze, tentam revisar criticamente os conceitos estruturalistas, formados pela linguagem, de Lévi-Strauss, que era considerado kantiano e com poucas ferramentas de análise sobre poder; esse movimento seria chamado, portanto, de pós-estruturalismo¹⁵ (Dunker, 2011). A necessidade de se estudar o Sul vem, segundo Santos (2008, p.18), da realidade mundial estar em um momento paradoxal, no qual “a cultural e especificamente a cultura política ocidental é hoje tão indispensável quanto inadequada para compreender e transformar o mundo”. Na sequência, Santos (2008) define seu entendimento de pós-colonialismo, que foi empregado neste artigo de maneira consonante:

“Entendo por pós-colonialismo um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo.” (Santos, 2008, p.18)

Pegando o exemplo de Grovogui (2006), acerca das criações de narrativas, o autor afirma que as teorias de Relações Internacionais (RI) se tornaram excessivamente europeias e americanas. O modo pelo qual se constrói a História, tanto para as teorias de RI quanto para a análise feita no jornal o Globo, é abordado de maneira consoante por Grovogui (2006, p. 65-102),

¹³ Vale mencionar que a sua importância, especialmente a de Michel Foucault, vem sido usada fora das Ciências Sociais também. Besley (2002) demonstra o uso do pensamento *foucaultiano* e de outros autores que pensaram as relações de poder, subjetividade e ética, utilizando-as para fins de terapia familiar.

¹⁴ Foucault (2002; 2012) pratica uma releitura do estruturalismo e, afim de repensar as lógicas de poder, explora as relações discursivas que denotam supressões de narrativas (FOUCAULT, 2011)

¹⁵ O artigo não visa entender o sujeito na ótica lacaniana – seria, para Silva (2017, p. 121), “a importância da potência não-identitária do significante”. Entende-se o sujeito não como o efeito da linguagem, mas, sim, inserido nos processos sociais de racialização ou de discriminação de gênero.

quando aborda como o *historicismo*¹⁶, o *institucionalismo*¹⁷ e a *memória* afetam a compreensão de outras experiências internacionais. A divisão binária¹⁸ entre Ocidente e não-Ocidente pode ser percebida neste trecho retirados do editorial do Globo em 12 de maio de 2006¹⁹:

“[E]ntre os escombros da diplomacia de Lula para a região, emerge como líder de parte da América Latina o caudilho venezuelano Hugo Chávez, mais interessado, junto com Fidel Castro, em montar uma cabeça-de-ponte contra os Estados Unidos do que em ajudar a promover o efetivo desenvolvimento integrado da região; Chávez *mistura como ninguém diplomacia com ideologia*. O governo Lula rompendo com as boas práticas históricas do Itamaraty, fez o mesmo. Daí a derrocada de sua política externa. *As lições de prudência, racionalidade e multilateralismo do Barão do Rio Branco foram engavetadas. O Brasil de Lula apostou na visão esclerosada, das décadas de 60 e 70, do conflito Norte-Sul - e perdeu.*” (Globo, 2006, grifo meu)

Os editoriais e as páginas do Globo, no caso venezuelano, são, como foi demonstrado, amplamente positivos ou neutros quanto à questão do golpe. No dia 13 de abril de 2002²⁰, o editorial do Globo afirmou o seguinte:

“[J]á pode se adiantar, com segurança, que a Venezuela se livrou do *pitoresco* presidente porque a fórmula por ele proposta para resolver os problemas e as injustiças seculares de uma república latino-americana foi rapidamente repudiada pelas realidades do continente, depois de iludir multidões [...] *é correta a posição assumida pelos presidentes do Brasil e do México [...] sua revolução*

¹⁶ Grovogui (2006, p. 70) sustenta que nostalgia se torna ciência e que, por sua vez, torna-se instrumento politicamente motivado: historicismo.

¹⁷ Aliando a noção de *path-dependency*, os institucionalistas reproduzem um *pathos* de poder que dá ao Ocidente a autoridade de legislar e de ajuizar, enquanto o não-Ocidente fica com o fardo da sociabilidade moral e de conformidade (GROVOGUI, 2006, p. 73)

¹⁸ Essas distinções são amplamente usadas nas obras de Walker (1992; 2010)

¹⁹ Em 10 de maio de 2006, o editorial do Globo mencionou que a diplomacia brasileira de Lula é “construída com fé fundamentalista em torno do frágil princípio da solidariedade entre irmãos latino-americanos”

²⁰ No mesmo dia, FHC recebe o recebe prêmio de personalidade do Ano da Associação Brasileira de Propaganda. “FHC: Comunicação pública é indissociável da democracia” (GLOBO, 2002)

bolivariana curiosa mescla de irrealismo, folclore e boas intenções, acaba de ser relegada à lixeira da História latino-americana, como ocorreu com a similar sandinista e fatalmente acontecerá com a cubana". (Globo, 2002, grifo meu)

Nesse mesmo dia, a situação de Hugo Chávez é tratada como página virada, na qual ele era quem estaria sozinho e afirmando que havia tomado um golpe de Estado. Em uma notícia na página Mundo, diz-se que “as ruas amanhecem vazias e tranquilas” e, em outra, que “Chávez sai por vontade popular”. Há diversas formas linguísticas empregadas ou para se dissociar ou para afirmar a binaridade entre Eu e Outro, na tabela 3:

Tabela 3

Eu	<i>Prudência, racionalidade, multilateralismo, posição correta de FHC²¹</i>
Outro	<i>Esclerosada, ideologia, curiosa, irrealismo, folclore</i>

Partindo da tabela 3 e dos gráficos 3 e 4, percebe-se que um dos argumentos de Walker (2010) toma forma. É claro que alguns eventos são mais importantes que outros, mas é perceptível que ambos têm muitas similaridades: país vizinho, importância geoestratégica, certa interdependência de algum hidrocarboneto, cumprimento das condicionantes de crise, mesmo meio de comunicação. A diferença está, no entanto, na mudança de governo e na percepção do *Eu* – relacionada mais aos posicionamentos de Globo-Executivo Federal em 2002 – e do *Outro* – relacionadas mais à Moráles-Chávez-Executivo Federal em 2006. Como o próprio Walker (2010, p. 147, *tradução livre*) afirma, é preciso que no atentemos às marginalizações de certos eventos e a exposições exageradas de

²¹Interessante notar que, quando o Executivo federal passou a denominar a situação venezuelana como *golpe*, o jornal mudou do dia 13 de abril para o dia 14 de abril o seu entendimento sobre o ocorrido. Não houve crítica à posição de FHC ou do Itamaraty. Quando Hugo Chávez volta ao poder, FHC o parabeniza e, no dia seguinte, a página Mundo estampa que o “setor petrolífero comemora a volta do presidente”.

outros, os quais geram noções de eventos internacionais e, por consequência, influenciam as RI. (Grovoqui, 2006)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por estar nos moldes pós-positivistas, o artigo não dará *conclusões*, mas, sim, considerações acerca do que foi discutido. Nenhum dos teóricos empregados traz, nas obras mencionadas, arrebatamentos sobre *verdade*, *axiomas* ou sobre a *realidade* no sentido positivista. Faz-se necessário, mais uma vez, advertir que se seguiu um entendimento *sensibilizante* tanto do *pós-estruturalismo* quanto do *pós-colonialismo*, já que se repensa conceitos postulados como, em alguns casos, premissas. A epistemologia pós-positivista vem, segundo Fischer (1998, p. 130) para suprir uma dificuldade percebida pelos cientistas sociais em geral, o que deve ser “*the solution to this epistemological problem is to turn from the traditional understanding of scientific proof for verification to a discursive, contextual understanding of a social inquiry.*”

Considera-se, também, fundamental o emprego das abordagens comunicativas para se compreender acontecimentos internacionais. França et al. (2018, p. 6) atestam que a “área de Comunicação e Política é bastante consolidada no campo científico da comunicação” e, também por isso, o campo das Relações Internacionais não pode deixar de se enxergar nesse meio comunicacional – seja na esfera local ou global²². Além disso, diversos autores já implementaram análise de discurso da imprensa e suas comunicações políticas, o que demonstra, mais uma vez, a necessidade do campo em se aprofundar no tema (Lattman-weltman, 1994; Kucisnki, 2007; Miguel, 1999, 2004; Lima, 2004). Há, no entanto, alguns poucos autores da área das Relações Internacionais e da Ciência Política que já trabalharam sobre o tema (Casarões, 2012; Faria, 2008; Salomón & Pinheiro, 2013; Monteiro, 2007; Camargo, 2012).

Com este artigo, espera-se ter contribuído para a percepção de que abordagens que, primeiramente, podem não parecer tradicionais nas RI são muito úteis e utilizadas em outros campos do saber. A ferramenta analítica da *diferenciação*, que é muito utilizada pelos autores trabalhados no texto, ajuda a

²² Rousiley Maia, professora da UFMG, fez uma revisão de literatura internacional sobre o tema comunicação e política em *Mídia e deliberação* (França et al., 2018, p. 20)

descortinar interpretações nos momentos em que há *positividade* alta na valência ou não, o que já pode ser um indício primário para a investigação científica. Houve uma intenção comprovada de se diferenciar e criar *fronteiras* entre o Eu e o Outro nos editoriais; foi, portanto, análogo ao que Walker (2010, p. 147) alerta ao dizer que “*some things have come to be framed as matters of national interest, as necessarily exempt from the usual expectations of democratic scrutiny, while other have not*”.

Por fim, Walker (2010) convida seus leitores a pensarem de maneira diferente da usual. Para o autor:

“Some readers will prefer a much faster and more direct route in order to see which flags I eventually plant among the usual array of doctrinal commitments. For them I can say no more than I have already said [...] think about what it might now mean to engage in a political life that makes some claim to “the world” without relying on the comforting notion that the borders, boundaries and limits of a modern system of states are either here forever or are about to disappear [...] please forgive my obstinate refusal to think that there is a quick and easy way of identifying the ground on which one might now plant flags, as well as my deep suspicion that demands for quick and easy answers to questions about what it might mean to engage in political life in ways that somehow exceed the possibilities and impossibilities of a modern system of sovereign states have already caused sufficient damage.” (WALKER, 2010, p. 22-23)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aldé, A., Mendes, G. and Figueiredo, M. (2019). *Tomando partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006*. [online] Periodicos.ufsc.br. Available at: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1688> [Accessed 19 Jun. 2019].
- Ashley, R. (1988). Untying the Sovereign State: A Double Reading of the Anarchy Problematique. *Millennium: Journal Of International Studies*, 17(2), 227-262. doi: 10.1177/03058298880170020901
- Battistella, D. (2003). *Théories des relations internationales*. Paris: Presses de la fondation nationale des sciences politiques.
- Bauman, Z. (1993). *Postmodern Ethics*. Hoboken: Wiley-blackwell.
- Besley, A. T. (2002). Foucault and the turn to narrative therapy. *British Journal Of Guidance & Counselling*, 30(2), 125-143. doi: 10.1080/03069880220128010
- Blumer, H. (1954). What is Wrong with Social Theory? *American Sociological Review*, 19(1), 3-10. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/2088165>
- Burke, Anthony et al. (2008). Postmodernism. In: Reus-Smit, Christian & Snidal, Duncan (Eds.), *The Oxford Handbook of International Relations* (pp. 359-377). New York: Oxford University Press.
- Camargo, Julia Faria. (2003). *Mídia e Relações Internacionais*. Curitiba: Juruá
- Casarões, G. S. P. (2012). A Mídia e a Política Externa no Brasil de Lula. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, 1(2), 211-232. Retrived from <http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/viewFile/32661/20524>.
- Charlesworth, H. (2002). International Law: A Discipline of Crisis. *Modern Law Review*, 65(3), 377-392. doi: 10.1111/1468-2230.00385
- Coutinho, M. (2006). Democracias Andinas: chegando tarde à festa?. *Dados*, 49(4), 795-832. doi: 10.1590/s0011-52582006000400005
- Dalle, P., Boniolo, P., & Sautu, R. (2005). *Manual de metodología*. Buenos Aires: CLACSO.
- De Sá Guimarães, F., & de Almeida, M. (2019). From Middle Powers to Entrepreneurial Powers in World Politics: Brazil's Successes and Failures in International Crises. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1111/laps.12032>

- Donadone, J.C. (2000). *Imprensa de negócios, dinâmica social e os gurus gerenciais*. Paper presented at Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, São Carlos. Place of publication: São Carlos.
- Dunker, Christian Ingo Lenz. (2011). Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista. *Tempo Social*, 23(1), 115-136. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702011000100006>
- Faria, Carlos Aurélio Pimenta de. (2008). Opinião pública e política externa: insulamento, politização e reforma na produção da política exterior do Brasil. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 51(2), 80-97. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292008000200006>
- Feres Júnior, João. (2016). Análise de valências, debate acadêmico e contenda política. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (20), 313-322. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-335220162009>
- Figueiras, Rita. (2007). *O Comentário Político e a Política do Comentário*. Artigo apresentado no 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Braga: Comunicação e Cidadania.
- Fischer, F. (2019). Beyond Empiricism: Policy Inquiry in Post positivist Perspective. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1111/j.1541-0072.1998.tb01929.x>
- Foucault, M. (2002). *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes
- _____. (2011). *Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola.
- _____. (2012). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- França, V., Simões, P., Oliveira, A., Lima, L., Barroso, L., Afonso, M., Lopes, S., Bontempo, C., & Pereira, S. (2018). Comunicação e Política: mapeando autores/as e teorias mobilizados no Brasil. *Compólitica*, 8(2), 5-40. <https://doi.org/https://doi.org/10.21878/compolitica.2018.8.2.183>
- Gerring, J. (2007) *Case study research*. n.d.: Cambridge University Press.
- _____. (2011). The Case Study. *Oxford Handbooks Online*. doi: 10.1093/oxfordhb/9780199604456.013.0051
- Grovogui, Siba. (2006). *Beyond eurocentrism and anarchy*. New York: Palgrave Macmillan.

- Hirst, Monica, & Lima, Maria Regina Soares de, & Pinheiro, Leticia. (2010). A política externa brasileira em tempos de novos horizontes e desafios. *Nueva Sociedad*.
- Jahn, B. (1999). IR and the State of Nature: The Cultural Origins of a Ruling Ideology. *Review of International Studies*, 25(3), 411-434. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/20097608>
- Jameson, Frederic. (1991). *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University Press.
- Jensen, K. (2013). Definitive and Sensitizing Conceptualizations of Mediatization. *Communication Theory*, 23(3), 203-222. doi: 10.1111/comt.12014
- Kucisnki, Bernardo. (2007). O antilulismo na campanha de 2006 e suas raízes. In: Lima, Venício A. (Org.). *A mídia nas eleições de 2006* (pp. 133-144). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Lapid, Y. (1989). The Third Debate: On the Prospects of International Theory in a Post-Positivist Era. *International Studies Quarterly*, 33(3), 235-254. doi:10.2307/2600457
- Lattman-Weltman, F. (1994). *A imprensa faz e desfaz um presidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lima, Venício A. (2004). *Mídia*. Belo Horizonte: Fundação Perseu Abramo.
- McCormick, J. (1978). International Crises: A Note on Definition. *The Western Political Quarterly*, 31(3), 352-358. doi:10.2307/447735
- Medeiros, F. N. da Silva, & Ramalho, Marina, Massarani, Luisa. (2010). A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros, 17(2).
- Miguel, Luis Felipe. (1999). Mídia e eleições: a campanha de 1998 na Rede Globo. *Dados*, 42(2), 00. <https://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581999000200002>
- _____. (2004). A descoberta da política. In: Rubim, A. A. C. (Org.). *Eleições presidenciais de 2002 no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- _____. (2015). Quanto vale uma valência?. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (17), 165-178. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151706>
- _____. (2016). Uma resposta. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (19), 299-301. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-335220161912>
- Monteiro, Leonardo Valente. (2007). *Política Externa na era da informação*. Rio de Janeiro: Revan.

_____. (2012). *Inimigos sim, negócios à parte* (Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil). Retirado da base http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4718

Sá, Miguel Borba. (2009). *Pachama VS Wall Street* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil). Retirado da base <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.26854>.

Salomón, Mónica, & Pinheiro, Letícia. (2013). Análise de Política Externa e Política Externa Brasileira: trajetória, desafios e possibilidades de um campo de estudos. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 56(1), 40-59. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292013000100003>

Santos, Boaventura de Sousa. (2008). Do pós-moderno ao pós-colonial. *Travessias*, 7(6), 15-36.

Silva, Livia Campos. (2017). *O estatuo do Outro no pensamento de Jacques Lacan* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasil). Retirado da base

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/25245/1/2017_L%C3%ADviaCamposeSilva.pdf.

Walker, R. B. J. (1992). *Inside/Outside: International Relations as Political Theory*. Cambridge: Cambridge University Press. <http://doi.org/10.1017/CBO9780511559150>

_____. (2010). *After the globe, before the world*. New York: Routledge.

Wendt, A. (1992). Anarchy is what States Make of it: The Social Construction of Power Politics. *International Organization*, 46(2), 391-425. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/2706858>